

Pragmática e sociolinguística interacional

contribuições para a formação de professor em línguas materna e estrangeiras

Daniela Gomes de Araújo Nóbrega

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NÓBREGA, D. G. A. Pragmática e sociolinguística interacional: contribuições para a formação de professor em línguas materna e estrangeiras. In: SOUZA, F. M., and ARANHA, S. D. G., orgs. *Interculturalidade, linguagens e formação de professores* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016, pp. 49-65. Ensino e aprendizagem collection, vol. 2. ISBN 978-85-7879-347-0. Available from: doi: [10.7476/9788578793470.0005](https://doi.org/10.7476/9788578793470.0005). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/qbsd6/epub/souza-9788578793470.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**PRAGMÁTICA E SOCIOLINGUÍSTICA
INTERACIONAL:
Contribuições para a formação de professor
em línguas materna e estrangeiras**

Daniela Gomes de Araújo Nóbrega

Considerações iniciais

Discorrer sobre o que, como e para que determinados comportamentos surgem e se desenvolvem no ambiente de ensino e aprendizagem tem sido a força motriz de inúmeros trabalhos acadêmicos, tanto na grande área de Linguística Aplicada (LA) como na área de Formação de Professor (LORSCHER, 2003; DANTAS, 2007; SANTOS, 2007; SOUZA, 2007; SIME, 2008). Inseridos na área de LA, também encontramos vertentes teóricas como a Pragmática (LEVINSON, 2007; MEY, 2001; TAVARES, 2006) e a Sociolinguística Interacional que, apesar de centrar seus esforços nos estudos da interação face a face em diferentes interações sociais, estas correntes teóricas podem ser de grande valia para descrever e analisar a função das várias linguagens usadas em sala de aula e das

suas implicações tanto para a prática pedagógica do professor de línguas como para a aprendizagem do aluno.

Neste artigo, portanto, apresento a contribuição dos estudos da Pragmática e da Sociolinguística Interacional para entendermos a dinâmica pedagógica nas aulas de línguas. Para tanto, este trabalho está dividido em duas partes. Na primeira, apresento o objetivo principal da corrente teórica, Pragmática, e discuto como tal teoria pode ser utilizada em pesquisas de sala de aula de línguas. Na segunda parte, apresento o objetivo da abordagem teórica, Sociolinguística Interacional, e discuto como esta teoria pode ser também usada para fins de estudos desenvolvidos sobre as falas em interação no contexto de ensino e aprendizagem de línguas.

Contribuições da pragmática

A abordagem pragmática remonta desde o início do século XX com o filósofo Charles Morris (1938) com a teoria da Semiótica (*apud* LEVINSON, 2007; MEY, 2001; TAVARES, 2006). Dentro do campo da semiótica, Morris delimita a sintaxe, a semântica e a pragmática como os três ramos de investigação dentro dos estudos da língua(-gem). Como Morris (1938, *apud* LEVINSON, 2007, p.2) aponta: “[...] Sintática (ou sintaxe), que é o estudo da relação formal dos signos entre si, a semântica, o estudo das relações dos signos aos quais os signos são aplicáveis (os seus designata) e a pragmática, o estudo da relação dos signos com os intérpretes.”

Esta definição inicial de Pragmática até agora tem sido criticada por lingüistas e lingüistas aplicados. Alguns acreditam que Pragmática compreende a Semântica ou

que a Semântica é parte da Pragmática. No entanto, de acordo com Morris (1938 *apud* LEVINSON, 2007), todas estas vertentes da língua (sintaxe, semântica e pragmática) estão relacionadas com o estudo dos significados, mas em diferentes perspectivas. Do ponto de vista semântico, a linguagem tem sido estudada no nível da sentença, isto é, o que importa é a descrição e análise puramente linguística sem considerar o contexto de uso e o usuário. Tal visão segue um conceito mais estrutural da linguagem.

Os estudos da Pragmática, por sua vez, procuram se preocupar com o estudo da língua pela perspectiva do usuário ou, como Morris diz na citação, 'intérprete' e que está inserido num determinado contexto social. Para este campo de estudo, a função do usuário e da situação social são elementos necessários para compreendermos como e por que usamos determinadas sentenças, por exemplo, numa dada situação de comunicação.

Um dos estudiosos neste campo de investigação, Levinson (2007) tenta fornecer uma definição mais plausível da Pragmática pontuando sua complexidade, que é devido à comparações de natureza teórica com a finalidade da Semântica, Sociolinguística, Psicolinguística, dentre outras áreas interdisciplinares. A dificuldade em definir a Pragmática é refletida em sua relação entre a estrutura da linguagem e usuário da língua. Isto é, a diferença entre Pragmática e Semântica, por exemplo, repousa sobre os princípios adotados para a análise da linguagem. Enquanto a Semântica tende a seguir uma análise a nível frasal sem considerar o uso da linguagem feito pelos usuários, a Pragmática tem como objetivo fazer uma análise linguística do ponto de vista funcional, seguindo a noção de adequação de acordo com contextos específicos, do

desempenho do usuário da língua e dos aspectos da estrutura do discurso tais como a deixis, implicaturas, atos de fala e pressuposição. Por tal explicação, a Pragmática tende a ser mais semelhante à Sociolinguística do que a Semântica (LEVINSON, 2007; MEY, 2001) por considerar primordial nas análises o papel do usuário no contexto situacional.

A definição mais adequada da Pragmática, portanto, compreende uma abordagem orientada pelo contexto para o estudo da língua. Tal como indicado por Levinson (2007, p. 27), a “Pragmática é o estudo da capacidade dos usuários da língua para emparelhar frases com os contextos em que seria adequado”. Com base nesta concepção, uma conta pragmática do uso da linguagem não só abrange os significados sociais da estrutura lingüística de eventos sociais específicos (GUMPERZ, 2002), também leva em conta todos os fatores contextuais que dizem respeito à posição social e classe social dos usuários, da adequação do nível da linguagem em situações de uso da língua, das relações de poder imbricadas no uso que o falante faz da língua, e de suas contribuições para a (co) construção de um evento comunicativo como um todo (LEVINSON, 2007; MEY, 2001).

Dentro dos estudos da linguagem voltados para a área de educação, as tendências atuais de pesquisa em Linguística Aplicada têm sido, cada vez mais orientada, para uma perspectiva sociolinguística e mais definida pela competência pragmática. Isto é, abordar os estudos da língua(gem), seguindo este viés, nos permite perceber o uso das língua(gens) nas suas mais variadas formas, enfatizando inúmeras práticas sociais de acordo com o perfil do usuário (ROSE; KASPER, 2001). Dar aulas de língua

inglesa para crianças, por exemplo, requer do professor uma conduta mais orientada pela ludicidade. Ensinar como usar a língua(gem) em jogos, explicando o porquê de algumas expressões serem necessárias para entender o funcionamento do jogo pode ser trabalhada com professores deste idioma para motivar o interesse dos alunos em estudar Inglês. Tal viés segue uma perspectiva Pragmática do ensino (LEVINSON, 2007; MEY, 2001).

Seguindo o viés da Pragmática, as pesquisas em sala de aula muitas vezes descrevem, observam e discutem como os professores e os alunos costumam se comportar de forma verbal e não verbal para atingir os objetivos de ensino e aprendizagem, e como eles co-constroem conhecimentos relevantes através de seus atos comunicativos, por exemplo, por meio de suas falas. Questões que lidam (1) com o uso dos gestos e sorriso nas falas em interação (OLIVEIRA, 2007; NÓBREGA, 2011), (2) com a percepção dos alunos sobre os gestos dos professores (LORSCHER, 2003), (3) com a função dos elementos não verbais da linguagem em sala de aula (SANTOS, 2007; GREGERSEN, 2007; ACIOLI, 2007; SOUZA, 2007) são alguns dos exemplos de estudos que usam os conceitos e princípios da Pragmática para entender o funcionamento da língua(-gem) entre professor e alunos.

No que concerne o uso do sorriso em sala de aula, dois interessantes trabalhos mostram a implicação do sorriso para a aprendizagem da língua. Oliveira (2007), por exemplo, constatou que este elemento pode estabelecer uma proximidade maior entre professor e alunos, mas também pode ser usado num momento de reprimenda, se usado pelo professor. Desta forma, o sorriso do professor acompanhado pelo olhar severo e tom de voz rígido

pode ser indicativo não verbal para chamar a atenção dos alunos. Por sua vez, Nóbrega (2011) identificou dois tipos de sorriso em momentos distintos na sala de aula, revelando comportamentos também distintos de aprendizagem dos alunos. Quando em grupo com seus colegas, os alunos tendem a usar o sorriso espontâneo propiciando uma maior produção oral. Quando em contato direto com o professor, sobretudo quando estão tirando dúvidas, o sorriso do aluno mais tímido, sendo denominado social, aparece e implica numa diminuição da produção oral.

Sobre o uso dos gestos do professor, Santos (2007) e Gregersen (2007) asseveram que os sinais não verbais na sala de aula tendem a contradizer, complementar, explicar ou monitorar a fala. Quando usada pelo professor, estes sinais tendem a ser usados para esclarecer algo que está sendo dito no momento da aula. Daí porque são, na maioria das vezes, chamados de explicativos. Gumperz (1982) define estes sinais como gestos funcionais uma vez que eles são usados, no contexto de sala de aula, para complementar o objetivo pedagógico iniciado pela fala do professor.

Ainda sobre os gestos, três estudiosos revelaram funções relevantes para o ensino. Para Acioli (2007), Santos (2007) e Souza (2007), os elementos não verbais usados pelo professor tendem a facilitar a aprendizagem dos alunos, levando-os a visualizar melhor a explicação dado pelo professor, por exemplo. Em alguns casos, Acioli (2007) pontua que os movimentos das mãos do professor podem ser usados para controlar a classe, sobretudo quando o professor leciona para alunos que são adolescentes.

Na Alemanha, por sua vez, Lorsch (2003) observou que a percepção dos alunos sobre os gestos do professor

tende a ajudar na aprendizagem também. Para os iniciantes, os gestos ajudam na compreensão da explicação do vocabulário, quando o professor dá um *feedback* positivo e na explicação das atividades a serem feitas em sala. Já para os avançados, os gestos do professor tende a ser menos usado e os alunos se baseiam mais na fala do professor.

Estes estudos, aqui mostrados, revelam que só é possível entendermos o uso dos elementos não verbais – o sorriso, os gestos, por exemplo – quando descrevemos e analisamos tais elementos num determinado ambiente social. O que faz com que entendamos a função social e interativa tanto dos gestos como do sorriso é também a noção pragmática da linguagem. Para compreendermos as implicações destes sinais não verbais para o ensino, faz-se necessário compreendermos quem usa, para quem, em que momento, em que situação e com que objetivo comunicativo, pedagógico e de aprendizagem. Seguindo este viés pragmático da linguagem, os professores de língua começam a entender o porquê de suas práticas pedagógicas, da implicação destas práticas para a aprendizagem dos seus alunos e de como funciona os mecanismos de interação em sala de aula. A seguir, comento sobre as contribuições da Sociolinguística Interacional para os estudos da linguagem e para a formação de professor em Línguas.

Contribuições da sociolinguística interacional

A Sociolinguística Interacional (SI) é conhecida dentro da área dos estudos linguísticos como uma vertente teórica que discute a organização social do discurso pelo ponto de vista sociológico e linguístico. Linguisticamente, a SI descreve a organização estrutural do discurso falado

por meio da análise de como o tema/assunto é desenvolvido pelos interlocutores, por exemplo. Do ponto de vista sociológico, esta vertente aborda questões de língua, cultura e sociedade em estudos de interações sociais. Isto é, a SI descreve e analisa como os indivíduos (re)constróem suas identidades sociais através do uso da linguagem em uma variedade de encontros conversacionais (GUMPERZ, 1982; RIBEIRO; GARCEZ, 2002).

Esta teoria tem como procedimento metodológico a pesquisa etnográfica. Com base em observações etnográficas, Blom e Gumperz revelaram que os significados das ações e expressões dos interlocutores, em interações conversacionais, não estão relacionados apenas às palavras pronunciadas pelos interlocutores. Ao descrever o comportamento verbal de uma comunidade norueguesa, eles constataram que é o evento social que determina se o dialeto ou a linguagem padrão deve ser escolhido em conversas. Os sinais de prosódia, pronúncia, compartilhamento de conhecimentos, a organização sequencial dos diálogos, o sistema da tomada de turnos e a sinalização adequada de pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) são tidos como alguns dos elementos sociolinguísticos utilizados para indicar diferentes significados sociais e culturais em eventos interacionais diversos.

Para a SI, os interlocutores (ou usuários) são considerados como co-construtores ativos de encontros sociais (MARCUSCHI, 1991; TAVARES, 2007). Segundo esses autores, os indivíduos estão constantemente em um jogo cooperativo para construir sentidos em qualquer encontro conversacional (WARDHAUGH, 1985; MARCUSCHI, 1991; BLOM; GUMPERZ, 2002). A linguagem utilizada, os significados socioculturais imbricados em suas falas,

as expectativas, valores e percepções, crenças, o conhecimento comunicativo, pragmático e a informação contextual compartilhada por estes interlocutores são considerados como fatores extralinguísticos que podem modificar o contexto do encontro conversacional (GUMPERZ, 1982; WARDHAUGH, 1985; KRAMSCH, 2001; TAVARES, 2006, 2007). Contudo, os próprios usuários também podem usar signos linguísticos e não linguísticos durante estes encontros com a finalidade de modificar o curso de uma conversa. Tanto o contexto como os usuários são considerados fatores condicionantes para modificar o rumo que uma determinada conversa toma.

Situada no cruzamento das áreas de Linguística, Antropologia e Sociologia, a SI emergiu com os trabalhos de Gumperz (GUMPERZ, 1982; GORDON, 2010). Com ênfase na investigação sobre a diversidade linguística e cultural presentes em conversas do cotidiano, Gumperz (1982), o precursor desta vertente teórica, investigou os problemas de comunicação intercultural, para compreender como os indivíduos constroem e mantêm relacionamentos, exercem relações de poder, projetam e negociam identidades sociais.

Pelo viés linguístico, a SI analisa os aspectos estruturais e funcionais da linguagem inseridas num conceito mais amplo de interação social. O estudo mais relevante no âmbito da abordagem linguística foi da análise sobre as pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982; LEVINSON, 2007). O objetivo deste autor foi investigar como interlocutores sinalizam, constroem e interpretam significados em interações sociais. Estes mecanismos de sinalização foram definidos por Gumperz como pistas de contextualização. Usando suas próprias palavras, a pista de

contextualização “[...] é qualquer característica de forma linguística que contribue para a sinalização de pressuposições contextuais”¹(GUMPERZ, 1982, p.131). De acordo com este autor, é através destes mecanismos de sinalização, que podem ser de natureza prosódica, linguística ou paralingüística, que os interlocutores são capazes de reconhecer e interpretar uma mensagem em desenvolvimento numa interação face a face.

Seguindo uma abordagem antropológica, a SI objetiva desvendar questões culturais entre os interlocutores na análise das conversas do cotidiano. Neste sentido, a SI destaca a intersecção da língua e da cultura. Esta abordagem, portanto, discute que significados culturais os interlocutores atribuem às suas ações e palavras, enquanto estão envolvidos em encontros face-a-face. Um dos aspectos que merece atenção nesta perspectiva é o estudo da comunicação e conflito intercultural, que muitas vezes são baseados em diferenças culturais (GUMPERZ, 1982; GORDON, 2010). Estas pesquisas mostram que os desentendimentos normalmente ocorrem porque os participantes tendem a não compartilhar conhecimentos tanto de uso palavras e expressões típicas de suas culturas como de atitudes, também de natureza cultural. Este tipo de choque cultural, presente no uso da linguagem como no comportamento como um todo, tende a provocar desentendimentos e conflitos de cunho intercultural nas conversas.

Através de uma abordagem sociológica, a SI destaca a relação entre linguagem e sociedade, ou seja, investiga como as pessoas usam a linguagem para atingir os

1 Texto original: “[...] is any feature of linguistic form that contributes to the signaling of contextual presuppositions” (p.131).

seus objetivos sociais, bem como para criar e negociar suas identidades sociais (GUMPERZ, 1982; GORDON, 2010). Sua principal contribuição teórica foi o estudo de Garfinkel. Segundo este autor, os interlocutores constroem suas realidades sociais e identidades através das suas declarações e ações em conversas diárias. O conhecimento sócio-cultural dos indivíduos - que vem de sua coleção de experiências culturais - tende a moldar suas identidades e valores sociais, implicando, desta forma, no comportamento verbal em interações face a face. Em suma, a SI procura discutir as implicações inferenciais em conversas, seja dos assuntos privados ou públicos, a partir da investigação da forma dos interlocutores co-construir e negociar suas posições sociais, papéis e identidades em encontros de conversação.

Por meio de metodologias de pesquisa de natureza qualitativa e cunho etnográfico, a SI descreve e analisa conversas informais e formais, ocorrendo prioritariamente em ambientes naturais. Baseia-se, basicamente, sobre o que acontece no exato momento de uma linguagem particular na situação de uso. Por esta razão, o seu método de análise tenta desvendar os processos inferenciais de conversas por meio de uma série de instrumentos: de áudio ou dados gravados em vídeo, entrevistas, aplicações do questionário e transcrições linguísticas de conversas gravadas.

Para ilustrar alguns estudos usando a SI na interação em sala de aula, podemos apontar a pesquisa de Nóbrega (2011) sobre o uso de marcadores discursivos de uma professora e suas implicações para a produção oral dos alunos em aulas de língua inglesa num curso de Letras- Inglês de uma instituição pública. De acordo com a SI, o uso dos

elementos verbais, neste caso o dos marcadores conversacionais, e não verbais em qualquer evento interacional é social e culturalmente marcado. Também conhecidos como conectores pragmáticos e organizadores interacionais (URBANO, 2006), os marcadores conversacionais/discursivos são sinais produzidos pelos interlocutores para relacionar as unidades comunicativas e orientar os sistemas de turnos durante a conversação. São esses sinais responsáveis pela organização da coerência nas conversas. De acordo com Marcuschi (1991) e Schiffrin (1987), os marcadores discursivos sinalizam às atitudes e intenções comunicativas dos interlocutores. De acordo com os resultados da pesquisa de Nóbrega (2011), os marcadores conversacionais da professora geralmente se posicionam antes das perguntas que ela mesma faz, nos levando a concluir que tal comportamento verbal orientava sobre o que e como os seus interlocutores (os alunos) deviam falar e se comportar nas atividades em sala de aula.

Conforme mostrado por Sinclair & Coulthard (1975) e discutido por Marcuschi (1991), os resultados da pesquisa de Nóbrega (2011) também apontam que é o professor que ainda assume a responsabilidade de comandar os turnos conversacionais, sobretudo nas sequências interacionais de iniciação e avaliação. Como consequência dessa estratégia pedagógica assumida pela professora, os alunos intermediários tendem a desenvolver uma produção oral mais referencial do que expressiva. Quer dizer, suas respostas estão sempre de acordo com as perguntas feitas pela professora cujas respostas já são de conhecimento dela. As respostas expressivas, por sua vez, não são de conhecimento da professora e correspondem às opiniões dos alunos sobre o que está sendo debatido em sala de aula.

Através de pesquisas como a apresentada acima, é que podemos inferir que condutas verbais do professor em sala de aula podem repercutir negativamente em relação à produção oral dos alunos, por exemplo. Tal conduta em sala nos faz refletir que a maioria dos alunos ainda se prende na concepção de que é o professor quem determina o que e como deve ser feito na sala, e aos alunos cabe ainda à função de responder ao que é pedido em sala de aula.

Observando a sala de aula, mais particularmente as atitudes verbais do professor conforme apresentado no trabalho de Nóbrega (2011), pelo viés da SI, os professores de línguas podem refletir de forma crítica sobre suas condutas e de suas implicações para a participação oral dos alunos em sala. A SI pode, portanto, orientar os professores para assumir uma postura mais crítica sobre o seu fazer docente, os fazendo questionar e refletir sobre o comportamento verbal e também o não verbal nas interações em sala de aula.

Considerações finais

Acreditamos que estes estudos, neste capítulo apresentados, podem contribuir para a Formação de Professores de Línguas uma vez que tais correntes teóricas, i.e. a Pragmática e a Sociolinguística Interacional, podem contribuir para a tomada de consciência crítica dos professores sobre o seu fazer docente.

Seguindo os princípios da Pragmática, os professores de línguas podem vir a refletir sobre suas práticas pedagógicas através de suas falas e de seu comportamento não verbal, por exemplo. Atentando-se sobre como e para que

usamos uma variedade de linguagens no ambiente de sala de aula, no caso a linguagem verbal (a fala) e a não verbal (gestos, expressões faciais), os professores podem mudar suas condutas e, conseqüentemente, seu modo de lecionar procurando ser mais cuidadosos sobre suas condutas e suas respectivas implicações tanto para o ensino como para a aprendizagem dos alunos. A título de exemplo, quando um(a) professor(a) tende a usar as mãos enquanto fala, ele/ela pode tornar a fala mais clara e objetiva para os alunos pelo fato de ser, o movimento das mãos, um elemento não verbal que complementa a fala.

Já de acordo com o viés da Sociolinguística Interacional, questões que lidam com a identidade social e cultural, tanto do(a) professor(a) como do(a) aluno(a), são levadas em consideração. O que professor(a) e/ou aluno(a)s faz na sala de aula pode representar a cultura e os valores sociais que eles/elas adotam em suas vidas. Isto, por sua vez, está imbricado na conduta em sala de aula e em vários momentos de ensino e aprendizagem.

Compreender as várias formas de ensinar e aprender um idioma (tanto da língua materna como estrangeira) não se limita apenas à questões de gramática mas, primordialmente, às inúmeras formas de lidar com as linguagens como um todo e de como podemos adequá-las no contexto escolar, contexto este onde estão inseridos pessoas de culturas, valores e crenças diferenciadas. Por meio das discussões teóricas, aqui expostas, podemos concluir que tanto a Pragmática como a Sociolinguística Interacional podem contribuir teórica e pedagogicamente para que nós, professores, possamos colocar em prática um olhar mais crítico sobre nossas condutas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, H. K. B. 2007. A Interação existente entre os elementos não-verbais e verbais no discurso de sala de aula. In: SANTOS, Maria Francisca Oliveira (org.), **Os elementos verbais e não verbais no discurso de sala de aula**. Maceió: EDUFAL, p.87-96.

DANTAS, L. M. 2007. **Nonverbal Language in EFL classroom interaction**. Maceió, AL. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Alagoas. 74 p.

GORDON, C. Gumperz and interactional sociolinguistics. In: WODAC, R.; JOHNSTONE, B.; KERSWILL, P. E. (Ed.). **The sage handbook of sociolinguistics**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2010.

GREGERSEN, T. S. Language learning beyond words: Incorporating body language into classroom activities. In: **Reflections on English Language Teaching**, v.6, n.1, p.51-64. 2007. Disponível em: www.nus.edu.sg/celc/publications/reftVol61.htm Acesso em: 04 jan.10.

GUMPERZ, J. J. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. (Studies in Interactional Sociolinguistics, 1)

KRAMSCH, C. Contexts of speech and social interaction. In: KRAMSCH, C. (Ed.). **Context of culture in language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 34-69.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. Tradução Luís Carlos Borges, Aníbal Mari; revisão da tradução Aníbal Mari; revisão técnica Rodolfo Ilari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LORSCHER, W. Nonverbal aspects of Teacher-pupil communication in the Foreign language classroom. **Web Proceedings**, July 2003. Disponível em: www.ec.hku.hk/kd2proc/proceedings/fullpaper/.../LorschWolfgang.pdf. Acesso em: 05 dez. 09.

MARCUSCHI, L. A. 1991. **Análise da conversação**. 2. ed., São Paulo: Ática, 1991. 89 p.

MEY, J. L. **Pragmatics**: an introduction. 2 ed. Malden: Blackwell, 2001.

NÓBREGA, D. G. A fala do professor e produção oral dos alunos. In: **Calidoscópico**, v.9, n.1, p.50-55, jan/abr .2011.

OLIVEIRA, C. L. A relevância dos efeitos faciais na conversação face a face no ambiente de sala de aula. In: SANTOS, Maria Francisca Oliveira (org.). **Os elementos verbais e não verbais no discurso de sala de aula**. Maceió: EDUFAL, 2007. p.45-68.

RIBEIRO, T. R.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. (Coleção Humanística. Série 07598). ISBN: 9788515025169.

ROSE, K. R.; KASPER, G. (Ed.). **Pragmatics in language teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p.1-10.

SANTOS, M. F. O. Os elementos verbais e não verbais no discurso de sala de aula. In: SANTOS, Maria Francisca Oliveira (org.), **Os elementos verbais e não-verbais no discurso de sala de aula**. Maceió: EDUFAL, 2007. p.17-44.

SOUZA, D. P. A Intersecção entre a fala e os gestos no comportamento do professor em sala de aula. In: SANTOS, Maria Francisca Oliveira (org.), **Os elementos verbais e não verbais no discurso de sala de aula**. Maceió: EDUFAL, 2007, p. 45-68.

TAVARES, R. R. A interação verbal no contexto pedagógico à luz da micro-análise etnográfica da interação. In: LEFFA, V. (Org.). **Pesquisa em lingüística aplicada: temas e métodos**. Pelotas: Educat, 2006.

OLIVEIRA, C. L. A relevância dos efeitos faciais na conversação face a face no ambiente de sala de aula. SANTOS, Maria Francisca Oliveira (org.), In: **Os elementos verbais e não verbais no discurso de sala de aula**. Maceió: EDUFAL, 2007. p.45-68.

WARDHAUGH, R. Ethnography and Ethnomethodology. In: **An introduction to Sociolinguistics**. Third edition. Blackwell publishers: USA, 1998. p.237-254.